



Rev Bras Futebol 2024; v. 17, n.3, 80-96.

“AH, AQUI EU NÃO SOU INVISÍVEL, NÉ”: A NECESSIDADE DE ESPAÇOS SISTEMATIZADOS E EXCLUSIVOS PARA A INICIAÇÃO E A FORMAÇÃO DE MENINAS NO FUTEBOL

“OH, I’M NOT INVISIBLE HERE, RIGHT”: THE NEED FOR SYSTEMATIZED AND EXCLUSIVE SPACES FOR THE INITIATION AND TRAINING OF GIRLS IN FOOTBALL

Maria Thereza Oliveira Souza

Doutora em Educação Física UFPR

ORCID Nº: 0000-0002-1636-6969

E-mail: mariathereza_souza93@yahoo.com.br

Karin Wunderlich Casemiro

Bacharel em Educação Física UFPR

ORCID Nº: 0009-0004-1011-8747

E-mail: karincasemiro@gmail.com

Gleber Pereira

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física UFPR

ORCID Nº: 0000-0002-4508-3730

E-mail: gleber.pereira@gmail.com

André Mendes Capraro

Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Educação Física UFPR

ORCID Nº: 0000-0003-3496-3131

E-mail: andrecapraro@gmail.com

Endereço para correspondência:

Maria Thereza Oliveira Souza

Rua Maria Trevisan Tortato, 341, apto 103.

CEP: 81020000 – Curitiba, PR.

Telefone: (41) 99950-3467

E-mail: mariathereza_souza93@yahoo.com.br

“AH, AQUI EU NÃO SOU INVISÍVEL, NÉ”: A NECESSIDADE DE ESPAÇOS SISTEMATIZADOS E EXCLUSIVOS PARA A INICIAÇÃO E A FORMAÇÃO DE MENINAS NO FUTEBOL

RESUMO

Introdução: As dificuldades históricas de desenvolvimento sistematizado do futebol feminino no Brasil refletiram em uma defasagem de participação de meninas em escolas e espaços de lazer na infância.

Objetivo: Apresentar a importância da formação de futebol em espaços sistematizados e exclusivos para meninas.

Métodos: Foi realizada uma pesquisa-ação, a qual se caracteriza como um processo que segue um ciclo entre agir sobre e investigar determinada prática, em um projeto de extensão e pesquisa que almeja oferecer a prática de futebol para meninas de 10 a 14 anos. Este possui duas turmas (manhã e tarde), com aproximadamente 25 meninas cada. Os dados foram coletados a partir de anotação em caderno de campo.

Resultados: Percebeu-se que o sucesso atingido em situações de jogo entre meninas é fundamental para o desenvolvimento do gosto pela modalidade, que o desenvolvimento técnico e tático das meninas aconteceu de maneira rápida, que a socialização se tornou fator predominante e que houve o desenvolvimento da lógica do *fair play*. Além disso, foram muitos os relatos feitos pelos pais sobre mudanças comportamentais delas após começarem a treinar na equipe, principalmente relacionadas à autoconfiança para exigir direitos de participação em brincadeiras e jogos de futebol na escola.

Conclusão: Há necessidade latente de que mais ambientes exclusivos para a iniciação e a formação de meninas no futebol sejam criados no Brasil. A importância disso reside no fato de que assim elas se sentem mais seguras para se arriscar nas disputas e nos próprios fundamentos técnicos e táticos pertencentes ao jogo.

Palavras chaves: futebol feminino, iniciação esportiva, formação esportiva, gênero, sucesso.

OH, I'M NOT INVISIBLE HERE, RIGHT: THE NEED FOR SYSTEMATIZED AND EXCLUSIVE SPACES FOR THE INITIATION AND TRAINING OF GIRLS IN FOOTBALL

ABSTRACT

Introduction: the historical difficulties in the systematic development of women's football in Brazil resulted in a lag in girls' participation in schools and leisure spaces in childhood.

Objective: to present the importance of football training in systematized and exclusive spaces for girls

Methods: it was realized action research, which is characterized as a process that follows a cycle between acting on and investigating a certain practice, in an extension and research project that aims to offer football practice to girls aged 10 to 14. This has two classes (morning and afternoon), with approximately 25 girls each. Data were collected from notes in a field notebook.

Results: it was noticed that the success achieved in game situations between girls is fundamental to enjoying the sport, that the girls' technical and tactical development happened quickly, that socialization became a predominant factor and that there was development of fair play logic. Furthermore, there were many reports made by parents about their behavioral changes after starting to train with the team, mainly related to their self-confidence to demand the right to participate in games and football games at school.

Conclusion: there is a latent need for more exclusive environments for the initiation and training of girls in football to be created in Brazil. The importance of this lies in the fact that they feel safer to take risks in disputes and in the technical and tactical foundation of the game.

Key words: women's football, sports initiation, sports training, gender, success.

1. INTRODUÇÃO

A paráfrase presente no título deste texto foi dita por uma menina de 12 anos ao ser questionada sobre a diferença entre jogar futebol entre meninos e jogar apenas com meninas (situação em que se encontrava no momento da pergunta). É bastante significativa a sua expressão de alívio ao agora participar efetivamente do jogo e não ser “invisível”. Esse contexto de interação aconteceu no projeto denominado “Empowering girls through football: a real-life integrated learning environment for children’s health and social inclusion”, do qual os autores fazem parte, realizado em colaboração entre a Universidade Federal do Paraná e a Western Norway University of Applied Sciences (HVL). Seu propósito central consiste em fomentar a educação e o desenvolvimento de meninas, crianças e adolescentes, a partir principalmente do futebol, visando oferecer a elas possibilidades de empoderamento feminino. Tendo em vista que a definição de empoderamento é a capacidade de tomar ciência das possibilidades e escolhas que um indivíduo passa a ter após esse poder ter-lhe sido negado anteriormente[1], a criação do projeto por si só já indica a existência de barreiras históricas relacionadas à prática do futebol de meninas e mulheres no Brasil. Tal constatação leva à necessidade de uma retomada sobre esse contexto nacional.

As dificuldades históricas de desenvolvimento sistematizado do futebol feminino no Brasil, causadas por enquadramentos de gênero e leis oficiais, são bastante conhecidas e tematizadas na literatura [2-7]. Isso refletiu em uma defasagem de participação de meninas em escolas e espaços de lazer na infância, fazendo com que se perpetuassem as diferenças no número de praticantes, nas oportunidades e nas habilidades apresentadas entre os dois sexos no país. Isso porque, enquanto os meninos eram constantemente treinados e, conseqüentemente, desenvolviam habilidades específicas do jogo, as meninas não pertenciam a esse contexto e só vinham a praticar futebol tardiamente [8]. Tais espaços – escola e de lazer – se constituíram como de manifestação de domínio masculino [9].

Recentemente, um movimento internacional e nacional de valorização e incentivo do futebol feminino está acontecendo. Além de divulgar em 2018 um documento com plano estratégico para o desenvolvimento da modalidade, a Federação Internacional de Futebol (FIFA) estabeleceu no seu estatuto a necessidade de que as confederações continentais e nacionais buscassem equidade de gênero no esporte. Seguindo essas diretrizes, a Confederação Sul-Americana de Futebol (CONMEBOL) e a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) estabeleceram regras para obrigatoriedade de manutenção de equipes femininas para os clubes que disputam as principais competições do continente e do Brasil, respectivamente, a partir do ano de 2019.

Esse contexto fez com que aumentassem as competições também para meninas jovens e, por conseguinte, a procura por oportunidades de formação no futebol. Alguns clubes pelo país já possuem equipes de base formadas. Dos 16 clubes da série A1 em 2023, nove possuem categorias de base, que vão do sub-14 ao sub-20 [10]. Assim, acredita-se que há agora a necessidade evidente de criação de oportunidades de locais exclusivos para a prática de meninas já na infância, em concordância com as conclusões de pesquisadores como Clark e Paechter [11]. Os autores realizaram um estudo etnográfico em duas escolas primárias de Londres com foco nas interações de meninas entre 9 e 11 anos durante as aulas, os intervalos no parque de diversões e as atividades extracurriculares. Ao analisar essas interações quando vinculadas à prática do futebol, os autores concluíram que talvez a única maneira de aumentar a participação de meninas no futebol seja dando a elas a oportunidade de jogarem apenas entre si, em ambiente controlado, para que elas sintam terem o direito da prática (naturalmente dominada pelos meninos), percebam-se como detentoras do espaço e experimentem situações de sucesso na modalidade. Apesar do entendimento das diferenças culturais do contexto inglês para o brasileiro, entende-se a possibilidade de tal comparação porque na Inglaterra as mulheres também enfrentaram barreiras relacionadas ao futebol durante o século XX [12], similares às anteriormente mencionadas sobre o Brasil.

A falta dessas oportunidades é um obstáculo histórico no Brasil. Schmidt e colaboradores [13] demonstraram, a partir de entrevistas com 29 atletas profissionais no Brasil, que a formação esportiva da maioria delas aconteceu sem um projeto sistematizado (treinamento formal). A partir desse contexto e tendo em vista que a prática do futebol feminino é reconhecida como um campo legítimo para que as mulheres exerçam seu poder de influência e fortalecimento pessoal [6], o presente estudo tem como objetivo apresentar a importância da formação de futebol em espaços sistematizados e exclusivos para meninas. Para isso, a experiência de intervenção dos autores em um projeto de extensão e pesquisa nessa modalidade será utilizada como parâmetro para análise.

2. METODOLOGIA

O presente estudo pauta-se na metodologia de pesquisa-ação, a qual se caracteriza como um processo que segue um ciclo entre agir sobre e investigar determinada prática, ou seja, seu objetivo é aprimorar a prática por meio de investigação e reflexão sistematizada sobre esta [14]. Segundo as suas diretrizes, esse tipo de pesquisa deve ocorrer de maneira contínua e não ocasional.

Nesse sentido, este estudo é pautado nas análises e intervenções ocorridas em um projeto de futebol de iniciação e recreação para meninas de 10 a 14 anos, o qual acontece na Universidade Federal do Paraná e teve início em julho de 2023, com previsão mínima de duração até julho de 2025, em parceria com a universidade norueguesa HVL. O projeto é conduzido por professores e estudantes de graduação e pós-graduação em Educação Física e conta com duas turmas, divididas em relação ao contraturno escolar das participantes, ou seja, há uma turma pela manhã e outra à tarde. Cada turma treina duas vezes na semana e é composta por aproximadamente 25 meninas matriculadas, sendo a média de participação diária efetiva de 20 meninas em cada. As sessões de treinamento têm duração de duas horas. Devido à parceria entre as instituições, também há discentes de graduação e de pós-graduação noruegueses participando dos treinamentos no período de seu intercâmbio no Brasil.

Vale salientar que os responsáveis assinaram um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e que, além disso, especificamente as meninas acima de 12 anos também assinaram um Termo de Assentimento Livre Esclarecido (TALE). Os nomes utilizados na pesquisa são fictícios, a fim de preservar as participantes.

As análises específicas do texto que se segue foram feitas com dados coletados nos quatro primeiros meses de implementação dos treinamentos, entre agosto e novembro de 2023. As sessões de treinamento foram planejadas e aplicadas pelas duas primeiras autoras deste artigo. Após os treinamentos, estas se reuniam para debater e anotar acontecimentos, conflitos e características das atletas e das interações entre elas em um caderno de campo, com o objetivo de posterior análise.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultado do processo de análise citado no item metodológico, surgiram três temáticas principais do caderno de campo, as quais serão apresentadas e discutidas na sequência a partir dos dados empíricos e da utilização de referencial específico da área de futebol de mulheres e vivências de meninas no esporte. As três temáticas indicam aspectos de desenvolvimento técnico, tático e comportamental relacionados à formação de meninas no futebol a partir da participação delas em um ambiente sistematizado e exclusivo.

3.1 O sentimento de sucesso como aspecto fundamental para o gosto pela modalidade

As observações de pesquisa demonstraram a importância e a necessidade de criar um ambiente no qual as meninas possam se envolver na prática do futebol ao lado de outras meninas. Na oportunidade da entrega do TCLE para os pais ou responsáveis, foi feita uma reunião para explicação dos objetivos do projeto e dos métodos de pesquisas que utilizaríamos

com as meninas. Nessa ocasião uma das mães relatou que a sua filha já havia pedido algumas vezes para ir em escolinhas de futebol fazer aulas experimentais, mas, quando chegava lá e via apenas meninos, decidia não fazer a aula e pedia para ir embora (Caderno de Campo, 17/10/2023).

Assim como ela, provavelmente outras participantes tenham passado por experiências similares ou mesmo nem pensaram em jogar por não enxergarem esses espaços como acessíveis. Então, a partir da entrada no projeto, os exemplos de alegria e surpresa pelo êxito em fundamentos técnicos ou situações de jogo foram corriqueiros entre as participantes.

Certo dia, as meninas foram divididas em grupos de idade e estatura semelhantes e jogaram em espaços pequenos demarcados no campo, com traves adaptadas, seguindo a metodologia dos jogos reduzidos, a qual é considerada uma ferramenta fundamental para o desenvolvimento e para a formação dos atletas no futebol [15]. Mariana, de 11 anos, fez três gols durante a partida e, ao voltar para o seu campo para se reposicionar para o reinício do jogo, nas três oportunidades, deslocou-se correndo com gestos de empolgação e braços abertos, numa clássica comemoração conhecida como “aviãozinho”. Além disso, no terceiro gol ainda fez um coração com as mãos para o seu pai que estava acompanhando o treinamento na arquibancada, em uma demonstração de querer dividir seu sucesso e alegria com aquele que a acompanhava (Caderno de Campo, 15/08/2023). Esse suporte na figura parental durante a iniciação esportiva é bastante explícito e indica como os pais interferem na vivência e nos significados que o futebol traz para a vida das crianças [16]. No caso do projeto, como não há uma ideia competitiva de participação em campeonatos, ainda não houve a percepção de uma influência negativa ou de tentativas de interferência nos trabalhos dos professores por parte dos responsáveis que acompanham os treinos, como identificado em outros contextos, como, por exemplo, por Bettega e colaboradores [17], os quais demonstraram que muitas vezes os pais não entendem os objetivos da formação esportiva e têm comportamentos negativos que dificultam o desenvolvimento positivo dos jovens jogadores.

Além de alegria pelo sucesso, outro fator constante foi a surpresa pelo próprio desempenho. Em um dia de disputa de um jogo reduzido entre duas equipes com quatro atletas (4x4), Betina (11 anos) fez um gol a partir de uma forte finalização e olhou para uma das professoras levando as mãos à boca e com os olhos arregalados. Após o feedback e os parabéns dados pela professora, sorriu e fez sinal de positivo com as mãos, então voltou saltitando para o seu campo de defesa para o reinício de jogo (Caderno de Campo, 12/09/2023). No mesmo formato de atividade, mas em outra data, a mesma atitude foi tomada por Marina (12 anos). Ela fez um gol de calcanhar e saiu vibrando muito e abraçando

uma companheira de time. Quando se deu conta do belo gol, levou as mãos à boca com expressão de espanto (Caderno de Campo, 26/09/2023). Nessa mesma direção, agora numa disputa de jogo 6x6, Anita fez dois gols e teve atitude semelhante. O primeiro gol foi por cobertura, ou seja, após a bola fazer uma parábola sobre as suas adversárias e companheiras, e o segundo ocorreu logo após, sendo também um belo gol realizado a partir de finalização do campo defensivo. Nas duas oportunidades ela fez expressão de incredulidade, um pouco mais contida que as demais, tendo em vista já ter 14 anos. Nessa ocasião, todas as demais atletas mostraram surpresa pela qualidade do gesto técnico de Anita. Já Bianca, sua adversária naquele momento, inclusive aproximou-se correndo dela após o segundo gol e perguntou como ela conseguia fazer aquilo. A resposta foi: “– Não sei! Acho que foi sem querer...” (Caderno de Campo, 07/11/2023).

Essas expressões de espanto e surpresa positiva pelo próprio sucesso podem ser tidas como uma descoberta das meninas, possivelmente porque em outros espaços não se arriscavam a participar de brincadeiras vinculadas ao futebol. Sobre essa hipótese, pode-se fazer uma relação com o contexto da pesquisa de Clark e Paechter [11] na Inglaterra. Os autores identificaram que as meninas ocasionalmente escondiam o seu interesse por futebol para se encaixar nos conceitos locais de feminilidade. Ademais, nas entrevistas, muitas delas afirmaram que jogavam futebol com primas ou amigas em casa, mas que no parque de diversões da escola não jogavam porque esse lugar era dominado pelos meninos. Essa timidez ainda aparece em muitos momentos nas aulas. Constantemente, por exemplo, Juliana fica parada durante as atividades ou jogos com as mãos posicionadas à frente do corpo, numa atitude que demonstra receio e tentativa de “esconder-se”. As professoras então a orientam e incentivam a mudar essa postura e ficar pronta para a ação.

Um ponto em comum nos exemplos supramencionados é que as meninas buscam um retorno positivo por parte das professoras. Isso ainda ocorreu em várias outras oportunidades. Durante um jogo reduzido entre duas equipes com cinco atletas (5x5), Betina conseguiu realizar um cabeceio na defesa, evitando que o time adversário marcasse um gol. Ela imediatamente dirigiu um largo e caloroso sorriso à professora, mantendo-o por alguns segundos (Caderno de Campo, 22/08/2023). Exemplo ainda mais claro aconteceu durante uma atividade de finalização, na qual Melissa enfrentou dificuldades para acertar a bola no minigol. Após várias tentativas e orientações das professoras, finalmente conseguiu marcar o gol. Sua alegria transbordou a ponto de abraçar a professora encarregada daquela área e, em seguida, correr para se juntar à fila, a saltitar de felicidade (Caderno de Campo, 22/08/2023).

No exemplo anterior fica claro também como as meninas ficam felizes em realizar tarefas que no início pareciam demasiadamente complicadas. Exemplos desse processo foram

comuns através de uma transferência de um fundamento trabalhado a partir do método analítico para uma atividade com oponentes. Em uma atividade de finalização, uma das meninas teve muita dificuldade para chutar com o peito do pé e então recebeu orientações constantes sobre como melhorar a sua técnica. Posteriormente, no jogo 8x8 realizado no mesmo dia ao final do treino, fez um gol com uma finalização com o peito do pé, correu e deu um soco no ar para comemorar, além de fazer uma expressão que mesclou alegria e surpresa. Foi cumprimentada pelas suas colegas de equipe e sorriu bastante (Caderno de Campo, 10/10/2023).

Nesse processo é também importante a percepção de que é necessário dividir as meninas por altura e capacidade física nas atividades que exigem oposição de equipes. Isso ocasiona a possibilidade de que todas tenham iguais oportunidades de disputar a bola e ter experiências de sucesso. Tal ação cria inclusive o sentimento de companheirismo entre elas. É comum que os times se auto-organizem em posições de ataque e defesa, criem nomes para a sua equipe e façam rodinhas de conversa antes do início das atividades para definir estratégias. Certo dia, em um jogo reduzido 3x3 entre meninas de 10 e 11 anos, isso ficou bem claro. Uma das equipes realizou uma boa jogada ofensiva a partir de troca de passes em velocidade, a qual terminou em gol. Nessa oportunidade, todas correram para se abraçar e distribuíram palavras de incentivo umas às outras, reconhecendo que o sucesso havia sido fruto do trabalho em grupo (Caderno de Campo, 19/09/2023). Além disso, quando o gol acontece a partir de uma jogada com mérito individual, é corriqueiro que as companheiras de time parabenizem e deem tapinhas nas costas da artilheira, que geralmente fica muito feliz com a atitude.

O desenvolvimento desse sentimento de sucesso e de ser boa em algo geralmente acarreta o desenvolvimento de prazer relacionado à prática de futebol. Isso, segundo HanyaPielichaty [18], pode ser inclusive um fator determinante para a definição do futebol para meninas e mulheres como um *SanctuaryParadox*. Para a autora, que fez uma pesquisa com 57 meninas e mulheres participantes de equipes de futebol entre 8 e 31 anos na Inglaterra, esse paradoxo seria a noção de que elas aceitam o lugar social menor que o futebol feminino tem na sociedade e os enquadramentos de gênero negativos que isso traz porque encontram na própria modalidade um lugar seguro para escapar disso e aproveitar momentos de alegria.

3.2 Desenvolvimento técnico e tático

As barreiras históricas e a falta de reconhecimento em relação ao futebol de mulheres no Brasil [19] causaram um claro atraso no desenvolvimento técnico, tático e físico das atletas. Assim, entende-se que o aumento do número de oportunidades de locais para prática de

futebol entre meninas é uma conjuntura fundamental para que a qualidade do jogo na categoria feminina de modo geral melhore. Isso porque considera-se essencial que a formação da atleta seja iniciada ainda na infância e que passe pelas etapas de iniciação (6 aos 13 anos), formação (14 e 15 anos) e especialização (16 e 17 anos) esportivas [20].

Entretanto, a grande maioria das participantes do projeto nunca havia tido outra experiência formal com o futebol. Das 50 meninas participantes, aproximadamente 40 não praticavam a modalidade anteriormente à entrada no projeto. Além disso, grande parte não costumava nem brincar de futebol. Assim, quando chegaram, algumas delas não entendiam a lógica do jogo, ou seja, a ideia de que ele se constitui a partir de uma variação entre momentos defensivos (em que você protege a sua meta) e momentos ofensivos (na qual você ataca a meta adversária). Em um dos casos mais significativos relacionados a isso, Eliana cobrou um arremesso lateral nos pés de uma adversária que estava sozinha e de frente para o gol, ou seja, durante a partida, mesmo os professores tendo explicado anteriormente, ela não identificou qual era o seu campo ou as adversárias (Caderno de Campo, 08/08/2023). Entretanto, com poucas semanas de treinamento o seu desenvolvimento foi bastante notório. Ela não apenas passou a se portar corretamente dentro da lógica do jogo, como certo dia trocou passes em progressão em uma jogada ofensiva, o que surpreendeu os professores em razão do curto período de treinamento (Caderno de Campo, 05/09/2023).

Outro aspecto de significativa melhora foi a frequência com que as meninas aparecem para o jogo e pedem passes de suas companheiras. O conceito ofensivo de “abrir linha de passe” [21] foi trabalhado constantemente nos treinamentos. Passados alguns meses, é notório em algumas situações como elas começaram a utilizá-lo. Certo dia, em um jogo reduzido 3x3, Bárbara desvencilhou-se de sua marcação e correu para abrir linha de passe à frente para a sua companheira de time. Ela então começou a gritar: “– Aqui, Natália! Aqui!” e a abanar os braços para chamar a atenção (Caderno de Campo, 19/09/2023). É interessante perceber essa mudança, tendo em vista que nas primeiras semanas de treinamento elas só dominavam a bola se esta fosse em suas direções e, ainda, aplicavam com receio esse fundamento do jogo. Pode-se inferir que elas começaram um processo de se sentirem detentoras do jogo ou, ao menos, participantes efetivas. Esse aspecto também pôde ser percebido quando Natália pediu para sua colega “[...] virar o jogo [...]” durante um ataque em jogo reduzido ao final do treino (Caderno de Campo, 03/10/2023). De maneira geral, foram comuns os momentos em que as meninas se movimentaram para receber passes livres no tiro de meta e nos arremessos laterais em jogo reduzido 4x4 (Caderno de Campo, 24/10/2023).

Isso também acarretou uma mudança de postura comportamental nas disputas de bola. Íris, de 12 anos, no início era bastante apática e parecia ter medo da bola e das disputas.

Passados quatro meses de participação no projeto, na oportunidade de disputa de um jogo 4x4 ao final do treino, ela apareceu constantemente como opção ofensiva e, em uma dessas oportunidades, conduziu a bola por aproximadamente 15 metros em uma transição ofensiva, controlando-a próxima ao pé (Caderno de Campo, 24/10/2023). Em treinamento posterior, Íris venceu fortes disputas pela bola em duas oportunidades distintas com duas meninas de 14 anos, as quais eram significativamente maiores e mais fortes fisicamente do que ela (Caderno de Campo, 07/11/2023).

As mudanças técnicas e táticas ocorridas no grupo não foram observadas apenas pelos professores. Havia, ao final de cada treino, uma roda de conversa com as meninas e, em algumas oportunidades, foram percebidas nuances do entendimento delas próprias sobre o crescimento e o desenvolvimento geral do grupo. Numa dessas oportunidades, Amanda comentou ter percebido que elas estavam trocando mais passes do que no início do projeto, uma vez que antes só davam “chutão para fora” (Caderno de Campo, 03/10/2023). Posteriormente, Natália falou que antes todo mundo ia em cima da bola e agora já conseguiam abrir espaço para receber passes (o comentário foi seguido por várias expressões de concordância entre elas) (Caderno de Campo, 24/10/2023).

Além disso, na oportunidade de questionamentos das professoras sobre as mudanças das meninas que nunca haviam jogado futebol antes sentiam após três meses de participação no projeto, elas demonstraram estar felizes com algumas conquistas individuais. Íris mencionou que agora consegue correr com a bola no pé e que até havia descoberto que era canhota naquele dia, visto que percebeu com a prática e a partir de perguntas das professoras que chutava melhor com a perna esquerda. Elena comentou que o seu chute está muito melhor (Caderno de Campo, 24/10/2023). Isso demonstra uma autopercepção das meninas em relação à melhora em fundamentos técnicos básicos do jogo de futebol, como a condução e a finalização [21].

3.3 A socialização como fator predominante e o desenvolvimento de *fair*

Percebeu-se que, para as meninas participantes do projeto, para além de uma vivência ou aprendizado esportivo, interessava muito a convivência com seus pares e novas amigas – algo também identificado por HanyaPielichaty [18] em relação ao contexto do futebol entre meninas na Inglaterra. Na Alemanha, Gabriele Sobiech [22] também menciona aspecto semelhante ao analisar um projeto de futebol para meninas no contraturno escolar na cidade de Friburgo. A autora demonstra, com entrevistas e observações de gestos e episódios de campo a partir da filmagem de treinamentos, as diferentes perspectivas e interesses entre as meninas do projeto, que vinham de classes baixas, e as professoras responsáveis pelo treinamento, as quais haviam sido profissionais de futebol. Enquanto as professoras gostariam

que as meninas se interessassem pelo desenvolvimento técnico e tático e se divertissem por meio das atividades propostas, mais da metade das meninas (10 em 15) responderam nas entrevistas que o principal motivo de estarem nos treinamentos era a convivência com as amigas. Nas observações das filmagens, a autora viu como essas meninas desafiavam a hierarquia das professoras e preferiam se divertir e ganhar capital simbólico pela liderança das ações de sarcasmo durante os treinos. Ou seja, havia de um lado um comportamento orientado para a performance e, do outro, uma posição mais relaxada e menos ambiciosa.

No contexto do presente projeto foram comuns os momentos em que as meninas se fecharam em pequenos grupinhos e criaram as suas próprias lideranças. Sarah, uma menina de 12 anos, não é uma das mais habilidosas, mas conseguiu tornar-se líder do grupo das meninas maiores por conta da sua forma de interação com os professores e tom imperativo para dar instruções às suas colegas. Outro fator que a ajudou nesse ponto foi a capacidade idiomática de se comunicar com estudantes noruegueses que faziam parte do projeto, pois ela atuou como tradutora deles para as demais meninas em algumas oportunidades. Nesse sentido, pode-se fazer também uma relação com os achados de Eliasson [23]. A autora fez uma pesquisa com duração de dois anos em um clube da Suécia, no qual havia uma equipe feminina e outra masculina de crianças de 11 e 12 anos. Ela concluiu que no time de meninas as amizades eram definidas a partir do entendimento de quais delas eram legais, enquanto no time de meninos essas amizades e admiração eram criadas a partir da capacidade do outro de desenvolvimento técnico eficiente. A autora demonstrou ainda que em times separados entre meninas e meninos era mais fácil a criação de amizades; no caso das meninas, isso é especialmente importante para a criação de valores comuns em um ambiente normalmente masculino.

No que tange ao projeto aqui analisado, também foi possível perceber esse desenvolvimento do sentimento de coletividade. Consequentemente, observou-se a demonstração de *fair play* entre as meninas. Esse conceito, traduzido para o português como *jogo limpo*, é tido como um princípio fundamental no universo esportivo, ressaltando valores cruciais, como honestidade, respeito e integridade. O *fair play* está associado à moralidade no esporte, representando um comportamento virtuoso. Isso implica agir de maneira justa, respeitando as regras esportivas, mesmo que isso possa prejudicar a busca pela vitória [24]. Logicamente que esse processo foi sendo conduzido pelas professoras em rodas de conversa ao final dos treinos, com correções para atitudes negativas durante as atividades e pela reflexão contínua sobre competição sadia.

Um exemplo dessa demonstração de *fair play* ocorreu quando Mariana e Vanessa, que estavam em times opostos, disputaram a bola com um forte jogo de corpo durante um jogo

8x8. Uma delas reclamou de dor, mas sem culpar a sua colega. Enquanto isso, a outra pediu desculpas verbalmente e a ajudou a levantar-se (Caderno de Campo, 03/10/2023). Demonstra-se, assim, que elas passaram a entender as disputas físicas do futebol, uma vez que de um lado há a necessidade de esforçar-se ao máximo para ter o controle da bola e do jogo e, de outro, o entendimento de que a adversária se caracteriza assim apenas dentro da lógica do jogo, mas que o respeito deve ser mútuo. Outro momento que pode ser utilizado para explicar essa característica foi a autodenúncia feita por Luana ao encostar a mão na bola no jogo. Nesse dia as meninas estavam envolvidas em um jogo 6x6 quando a bola bateu em seu braço em uma disputa. Os professores só perceberam quando ela própria parou o jogo para avisar que havia cometido a irregularidade; as demais meninas não haviam reclamado e continuaram jogando. Ao receber o comando para continuar, sem que a falta precisasse ser marcada, ela olhou para os professores com expressão de dúvida e demorou um pouco para voltar ao estado normal de disputa (Caderno de Campo, 07/11/2023).

Sobre o sentimento de equipe desenvolvido, também podem ser citados alguns exemplos. Certo dia, Bianca, em uma disputa do jogo “queimada”, utilizado como aquecimento, constantemente conseguia capturar a bola e a entregava para as companheiras que ainda não tinham tido a oportunidade de arremessar, após perguntar a uma das professoras se poderia fazer isso (Caderno de Campo, 07/11/2023). Ademais, foi interessante perceber situações em que as meninas demonstraram alegria inclusive pelo desenvolvimento de suas colegas e não apenas de si próprias. Em dada atividade na qual o objetivo era aplicar princípios ofensivos e defensivos do jogo 1x1, Cecília, que estava na função de defensora, conseguiu desarmar Débora, que estava atacando, e posteriormente chutou a bola para longe. Ambas então se abraçaram e comemoraram juntas o belo desarme (Caderno de Campo, 19/09/2023). Isso também pode ser interpretado como uma demonstração da característica do próprio projeto, tendo em vista que, por ser de formação, sem fins competitivos, não se percebe entre elas o desenvolvimento de competitividade que poderia ocorrer em caso de disputa de titularidade na formação de equipe para campeonatos.

Percebeu-se durante as observações que elas próprias têm o entendimento dessa lógica cooperativa entre meninas. Para defender esse ponto, elas afirmaram que consideram o jogo delas mais limpo do que o dos meninos, isso porque não haveria tanto fingimento por parte das atletas. Em uma reflexão ao final da aula, provocada pela professora, foi perguntado quais diferenças as meninas que já tinham jogado ou jogam futebol também com os meninos sentem entre essa prática e a do projeto, no qual só há meninas. Sarah mencionou que os meninos são muito “fingidos” e que tentam “enganar” que sofreram faltas. Houve um alvoroço geral de concordância a esse comentário (Caderno de Campo, 24/10/2023). Outro ponto

defendido por elas é que o jogo com os meninos seria mais “perigoso”, porque eles disputam a bola com mais força e dão carrinho o tempo todo. Bárbara inclusive falou: “– Meu irmão é o rei do carrinho no condomínio” (Caderno de Campo, 24/10/2023). Ou seja, percebe-se que os meninos, então, seriam mais propensos ao risco e à agressividade. Nesse sentido, pode-se fazer mais uma relação com a pesquisa de Eliasson [23]: ao entrevistar meninos e meninas do clube sueco analisado, a autora percebeu que a concepção das meninas sobre os meninos era de que eles eram egocêntricos e maldosos, enquanto os meninos definiam as meninas como fracas e cautelosas.

No contexto brasileiro, Miriam Adelman [25] identificou que as práticas esportivas e corporais são um terreno fértil para testar mudanças nas relações de gênero e representações sociais na sociedade contemporânea. A autora indagou há aproximadamente 15 anos se esses locais poderiam ser propícios para acarretar uma certa despadronização na sociedade brasileira. Pois bem, as observações de campo aqui apresentadas indicam dois lados dessa moeda. Enquanto a participação efetiva das meninas e o incentivo dos pais para que elas pratiquem uma modalidade antes tida como masculinizante podem ser vistos como um caminho para essa despadronização, por outro lado, ainda há claras diferenças comportamentais percebidas entre a vivência de meninas no esporte e a visão que elas próprias têm do que seria a prática de meninos – identificou-se inclusive uma preocupação das meninas em não serem agressivas como os meninos. Isso indica que ainda existe uma proteção às identidades pautadas na divisão binária de gênero, como defendido por Daniela Finco e Claudia Vianna [26]. Segundo as autoras, meninos e meninas desenvolvem seus comportamentos e potencialidades correspondentes às expectativas de masculinidade e de feminilidade em nossa sociedade.

4. CONCLUSÃO

Os aspectos trabalhados nos levam a concluir que há necessidade latente de que mais ambientes exclusivos para a iniciação e a formação de meninas no futebol sejam criados no Brasil. Isso é necessário para que elas desenvolvam de maneira eficaz as suas potencialidades e habilidades, sem, obviamente, excluir a possibilidade de que elas façam também aulas mistas. A importância disso reside no fato de que assim elas se sentem mais seguras para se arriscar nas disputas e nos próprios fundamentos técnicos e táticos pertencentes ao jogo. Na reflexão já mencionada sobre as diferenças entre a prática de futebol com meninos ou apenas com outras meninas, instantaneamente após a pergunta da professora, Bárbara respondeu: “– Aqui eu não sou invisível, né?!”. Outra delas emendou: “– É verdade, aqui eu toco na bola”. Houve

uma série de concordâncias das demais participantes a partir dessas afirmações (Caderno de Campo, 24/10/2023). Entende-se assim que essa maior participação no jogo possibilita o desenvolvimento mencionado.

Além disso, foram muitos os relatos feitos pelos pais ou responsáveis pelas meninas sobre mudanças comportamentais delas após começarem a treinar na equipe. Alguns exemplos: iniciativa da filha de montar uma equipe feminina em sua sala para jogar o campeonato interclasses na escola e a posterior utilização dos conhecimentos adquiridos nos treinamentos para passar instruções ao seu time e treiná-las com algumas atividades; aumento da autoconfiança, que levou uma menina inclusive a se posicionar e rebater meninos que não queriam deixá-la participar do futebol na escola; a disciplina e o ânimo para estarem em todos os treinamentos de futebol, enquanto em outras modalidades achavam desculpas para faltar; e, ainda, melhora na vida escolar da filha, com mais disciplina para fazer as suas atividades. Esses aspectos podem ser tratados como indícios de empoderamento, conceito este que será mais bem trabalhado em futuros estudos, mais focados nas perspectivas pessoais das próprias meninas.

Talvez tenha sido uma limitação deste trabalho a falta de análise dos fatores negativos inerentes a qualquer implementação de projeto esportivo de formação, como as desistências de meninas que moram muito longe para conseguirem vir treinar toda semana ou daquelas que não tiveram suporte e apoio suficiente dos pais para se manterem na prática, bem como uma investigação mais profunda sobre possíveis vivências negativas relacionadas a enquadramentos de gênero que ainda persistem na vida das meninas praticantes de futebol. Tais aspectos podem ser temáticas para futuros trabalhos, a partir da aplicação de entrevistas e questionários.

Entretanto, aqui, buscou-se caminhar próximo aos ideais de Hans Ulrich Gumbrecht [27] e fazer uma homenagem aos benefícios e sentimentos únicos que o esporte – nesse caso específico, o futebol – pode trazer para quem pratica ou acompanha. O futebol feminino ainda tem muito a caminhar, e as críticas à falta de investimento, estrutura, reconhecimento e visibilidade são legítimas. Contudo, nos últimos anos o desenvolvimento é notório, e a massiva participação de meninas nos primeiros meses de implementação do projeto, bem como o apoio e a alegria dos pais ao verem suas filhas felizes, fazendo o que gostam, demonstram como a percepção e as barreiras sociais já não são as mesmas de 30 anos atrás, quando a literatura científica sobre o tema no Brasil passou a ser constituída.

É necessário aproveitar esse momento de alta midiática mundial em relação ao futebol feminino, a representatividade que algumas atletas têm ganhado, as transmissões dos campeonatos nacionais e a candidatura do Brasil para sede da Copa do Mundo de futebol

feminino de 2027 para que equipes, projetos e escolinhas de futebol para meninas sejam implementados. Só assim será possível garantir um futuro de atletas bem formadas tática, física e tecnicamente para tornarem-se profissionais, bem como aumentar o número de crianças e mulheres que praticam a modalidade em seu momento de lazer ou em atividades amadoras, criando uma cultura de participação feminina no esporte tido como responsável pela identidade nacional do país. Isso possibilitaria uma desvinculação do jogo masculino e a diminuição de comparações equivocadas que se fazem no senso comum. A modalidade de mulheres deve ser vista segundo as suas próprias possibilidades, principalmente físicas, a partir da criação e da valorização de características e estética específicas.

5. REFERÊNCIAS

1. Kabeer N. Resources, agency, achievements: reflections on the measurement of women's empowerment. *Dev Change*. 1999;30:435-64. doi: 10.1111/1467-7660.00125.
2. Knijnik JD, Vasconcellos EG. Sem impedimento: o coração aberto das mulheres que calçam chuteiras no Brasil. In: Cozac JR, editor. *Com a cabeça na ponta da chuteira - ensaios sobre a psicologia do esporte*. São Paulo: Annablume/Ceppe; 2003.
3. Goellner S. Mulheres e futebol no Brasil: entre sombras e visibilidades. *Rev Bras. Educ Fis Esporte*. 2005;19(2):143-51. doi: 10.1590/S1807-55092005000200005.
4. Franzini FF. Futebol é “coisa para macho”? Pequeno esboço para uma história das mulheres no país do futebol. *Rev Bras Hist*. 2005;25(50):315-28. doi: 10.1590/S0102-01882005000200012.
5. Furlan CC, Santos PL. Futebol feminino e as barreiras do sexismo nas escolas: reflexões acerca da invisibilidade. *Motrivivência*. 2008;20(30):28-43. doi: 10.5007/2175-8042.2008n30p28.
6. Pisani MS. Migrações e deslocamentos de jogadoras de futebol: mercadoria que ninguém compra? *Esp Soc*. 2014;9(23):1-10.
7. Souza MTO, Capraro AM. Women's Football in Brazil: memories of the national team's athletes. *Int J Hist Sport*. 2020;36(5-6):378-95. doi: 10.1080/09523367.2020.1757653.
8. Sales S, Paraíso MA. Juventude ciborgue e a transgressão das fronteiras de gênero. *Estud Fem*. 2011;19(2):535-48. doi: 10.1590/S0104-026X2011000200015.
9. Souza Júnior OM, Darido SC. A prática do futebol no ensino fundamental. *Motriz*. 2002;8(1):1-9. doi: 10.5016/6489.
10. Alves C, Barlem C. Orçamento específico, estruturado diferente: veja o que mudou nos times da A1 após regra do brasileiro. 17 mar. 2023. Disponível em: <<https://ge.globo.com/futebol/futebol-feminino/noticia/2023/03/17/orcamento-especifico-estrutura-diferente-veja-o-que-mudou-nos-times-da-a1-apos-regra-no-brasileiro.ghtml>>. Acesso em: 14 dez. 2023.
11. Clark S, Paechter C. “Why can't girls play football?” Gender dynamics and the playground. *Sport Educ Soc*. 2007;12(3):261-76. doi: 10.1080/13573320701464085.
12. Williams J, Hess R. Women, football and history: international perspectives. *Int J Hist Sport*. 2015;32(18):2115-22. doi: 10.1080/09523367.2015.1172877.

13. Schmidt R, Massa M, Luguetti CN, Bohme MTS, Monteiro CBM, Ré AHN. Desenvolvimento de atletas talentosas no futebol feminino. *Rev Bras Futsal Futeb.* 2022;14(58):305-17.
14. Tripp D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educ Pesqui.* 2005;31(3):443-66. doi:10.1590/S1517-97022005000300009.
15. Chaves PHT, Silva JKRM. Treinamento de futebol: a influência dos jogos reduzidos e condicionados no processo de aprendizagem do jogador de futebol – uma revisão de literatura. *Rev Bras Futeb.* 2019;12(2):57-73.
16. Almeida D, Souza RF. A influência dos pais no envolvimento da criança com o esporte durante a iniciação esportiva no futebol numa escola de Campo Bom - RS. *Rev Bras Futsal Futeb.* 2016;8(30):256-68.
17. Bettega OB, Marques Filho CV, Leonardo L, Machado JCBP, Scaglia AJ, Galatti LR. Children's training and competition in football: the coach's view on family participation and healthy development. *sustainability.* 2023;15(3):2275-88. doi: 10.3390/su15032275.
18. Pielichaty H. Pleasure and the Sanctuary Paradox: experiences of girls and women playing soccer. *Int Rev Sociol Sport.* 2019;55(6):1-19. doi: 10.1177/1012690219857023.
19. Fisher CD, Dennehy J. Body projects: making, remaking, and inhabiting the woman's futebol body in Brazil. *Sport Soc.* 2015;18(8):995-1008. doi: 10.1080/17430437.2014.997578.
20. Ribeiro DA. Formação e estruturação de equipes das categorias de base no futebol. Aula ministrada no curso de pós-graduação em futebol e futsal, do Centro Universitário de Telêmaco Borba (FATEB). 2022.
21. Xavier MA. Futsal - da formação ao alto rendimento: métodos e processos do treinamento. 2. ed. Carlos Barbosa: do Autor; 2018.
22. Sobiech G. Struggle for cultural recognition – the lack of fit between lower class girls and top class football players as their coaches in a football project. *Eur J Sport Soc.* 2015;12(2):133-55. doi: 10.1080/16138171.2015.11687960.
23. Eliasson I. Gendered socialization among girls and boys in children's football teams in Sweden. *Soccer Soc.* 2011;12(6):820-33. doi: 10.1080/14660970.2011.609682.
24. Ribeiro EP, Azevedo MA. O fair play como libertação moral: práticas e virtudes em jogo. *Rev Fil Ético Der Dep.* 2016;1(7):48-67.
25. Adelman M. Mulheres no esporte: corporalidades e subjetividades. *Movimento.* 2006;12(1):11-29. doi: 10.22456/1982-8918.2889.
26. Finco D, Vianna C. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cad Pagu.* 2009;33(2):265-83. doi: 10.1590/S0104-83332009000200010.
27. Gumbrecht HU. Elogio da beleza atlética. São Paulo: Companhia das Letras; 2007.

6. AGRADECIMENTOS

Apoio financeiro da "Norwegian Directorate for Higher Education and Skills-HKDIR" e da "Western Norway of Applied Sciences-HVL"